



William Wordsworth

POEMAS
ESCOLHIDOS

selecção, tradução, introdução e notas de
DANIEL JONAS

ASSÍRIO & ALVIM

William Wordsworth

POEMAS
ESCOLHIDOS

selecção, tradução, introdução e notas

Daniel Jonas

ASSÍRIO & ALVIM

INTRODUÇÃO

DANIEL JONAS

Matthew Arnold, influente crítico literário oitocentista inglês e virtual fundador da crítica anglófona moderna, pouco dado a euforias encomiásticas, terá atribuído eventualmente a Wordsworth (Cockermouth, 1770 — Grasmere, 1850) o bronze num pódio nacional em que Shakespeare e Milton levariam, respectivamente, o ouro e a prata. Mas apesar de categórico, e conhecendo ainda hoje poucas objecções, tendencialmente chamadas Dryden, Keats e Browning, o juízo de Arnold não impediu a impugnação prática da apreciação pública do seu tempo que, exceptuando a década de popularidade excepcional entre 1830 e 1840, foi sempre mais atreito a preferir as qualidades poéticas de um Walter Scott e de um Lord Byron primeiro, e de um Lord Tennyson depois, Alfred que acabaria por liderar o gosto do público a partir de 1840, diminuído no seu apetite pelo poeta laureado pela Rainha Vitória, Wordsworth, que morreria em 1850 sem direito à peregrinação afectiva que havia conhecido nos seus dias de glória.

Uma das razões para os provisórios louros em vida de Wordsworth foi o beneplácito continuado do seu estimado amigo, Samuel Taylor Coleridge, poeta, crítico e filósofo muito apreciado em Cambridge e uma espécie de estrela mediática do seu tempo. Juntos, o reputado Coleridge e o discreto Wordsworth escreveram juntos — mais Wordsworth do que Coleridge, diga-se — um volume entusiasmante de baladas líricas vindas a lume em

1798, as quais, arrimadas no célebre prefácio de Wordsworth, se tornou uma espécie de manifesto estético responsável pela introdução do movimento romântico inglês. A publicação de tão famoso volume, que viria a revolucionar de modo tão decisivo a poesia inglesa, deveu-se, apesar de tudo, a uma prosaica necessidade: Wordsworth e Coleridge precisavam de financiar uma deslocação prolongada à Alemanha.

A posição da teoria wordsworthiana original assentava numa dicção que via como desejável a aproximação do poema à pessoa comum, usando para isso uma linguagem acessível e coloquial, desobstruída das construções pomposas e afectadas que se haviam aclimatado ao ecossistema literário setecentista. O seu *medium*, o vernáculo da prosódia, a vitalidade da voz cantando a realidade aliada a um elemento rústico-lírico, o elogio do trabalhador braçal, do camponês, do pobre órfão, o regresso à natureza e à simplicidade da moça do campo, a fulminante beleza da celidónia, é um ensaio de correcção e afinação do gosto poético apontado ao cidadão comum, presumível leitor ideal da nova e moderna poesia.

O mesmo Arnold, numa tentativa de desvalorizar suspeitas de que a poesia de Wordsworth fosse uma filosofia, usou uma proposição que pretendia geral, e que certamente deixaria furioso qualquer amigo de Platão, a partir da qual a poesia seria a realidade e a filosofia a ilusão. Esta poesia seria tanto mais a realidade quanto o real é, em Wordsworth, a preocupação dominante. Daqui se segue que a aplicação das leis de verdade e beleza poéticas na natureza e na natureza humana, ou seja, da aplicação das ideias à vida, é a matéria da poesia wordsworthiana. A poesia, tal como a actividade crítica, liga-se umbilicalmente a um compro-

misso com a história, a religião, a sociedade, a cultura e a política, parte das grandes ideias que fazem avançar uma grande nação. Estas actividades seriam um garante de uma cidadania saudável, empenhada nessa construção, sendo a poesia um modo particularmente forte e prestigiado de exercer esta plena cidadania. A crítica, para Arnold, é um esforço desinteressado de aprender e propagar o melhor do que é conhecido e pensado no mundo. Esta função social resultaria da observação do principal truísmo arnoldiano que vê a poesia como crítica da vida, sendo que a grandeza de um dado poeta está no poder e na beleza da aplicação das suas ideias à vida, à questão «como viver?», constituindo-se esta ética poética, de certo modo, num esquadramento racional de forte consciência política.

Espírito, além do mais, impressionável, capaz de imaginar a charneca ofegante junto ao seu pescoço ou de se julgar perseguido por penhascos enquanto remava num lago ao luar, o pequeno Wordsworth fora uma criança visitada por sensações de imensidão onde habitavam espíritos fora do alcance da generalidade das pessoas, um espírito nervoso e sensível que viria mais tarde a aliar a essa voragem de susceptibilidade uma força intelectual vital que o coloca numa esteira apenas trilhada por botas especialmente marcantes, e que talvez só as de Yeats foram capazes de acompanhar.

Tal como acontece com todos os poetas fortes, especialmente com força suficiente para nos sugerirem a desconfiança de «clássicos», não é necessário ler-se *realmente* Wordsworth para já o ter lido. Na verdade, Wordsworth vive sob a forma de uma assombração permanente verificável na obra de muitos poetas, nem por isso menores, que justamente poderíamos considerar agonizarem

POEMAS ESCOLHIDOS

OLD MAN TRAVELLING

ANIMAL TRANQUILLITY AND DECAY,
A SKETCH

The little hedgerow birds,
That peck along the road, regard him not.
He travels on, and in his face, his step,
His gait, is one expression: every limb,
His look and bending figure, all bespeak
A man who does not move with pain, but moves
With thought. — He is insensibly subdued
To settled quiet: he is one by whom
All effort seems forgotten; one to whom
Long patience hath such mild composure given,
That patience now doth seem a thing of which
He hath no need. He is by nature led
To peace so perfect, that the young behold
With envy, what the old man hardly feels.

[1798]

UM VELHO EM VIAGEM

TRANQUILIDADE E DECADÊNCIA ANIMAIS,
UM ESBOÇO

Os passarinhos das sebes,
Debicando o caminho, nem o notam.
Ele prossegue, e no rosto, no passo,
No porte, uma expressão: e cada membro,
O olhar, a figura arqueada, sugerem
Um homem não movido a dor, mas sim
A pensamento. — Sem sentir, sujeito
A uma imperturbável calma: alguém
Que esqueceu todo o esforço; a quem a longa
Paciência deu aquela mansa fâcies,
Dessa paciência agora nem parece
Precisar, por natureza levado
A uma paz tão total, que os novos olham,
Com inveja, o que é natural no velho.

LINES

LEFT UPON A SEAT IN A YEW-TREE, WHICH STANDS
NEAR THE LAKE OF ESTHWAITE, ON A DESOLATE PART
OF THE SHORE, COMMANDING A BEAUTIFUL PROSPECT.

Nay, Traveller! rest. This lonely yew-tree stands
Far from all human dwelling: what if here
No sparkling rivulet spread the verdant herb?
What if the bee love not these barren boughs?
Yet, if the wind breathe soft, the curling waves,
That break against the shore, shall lull thy mind
By one soft impulse saved from vacancy.

Who he was

That piled these stones, and with the mossy sod
First covered, and here taught this aged tree
With its dark arms to form a circling bower,
I well remember. — He was one who owned
No common soul. In youth by science nursed,
And led by nature into a wild scene
Of lofty hopes, he to the world went forth
A favoured Being, knowing no desire
Which genius did not hallow; 'gainst the taint
Of dissolute tongues, and jealousy, and hate,
And scorn, — against all enemies prepared,
All but neglect. The world, for so it thought,
Owed him no service; wherefore he at once
With indignation turned himself away,
And with the food of pride sustained his soul

VERSOS

DEIXADOS NUM ASSENTO AO PÉ DE UM TEIXO PRÓXIMO
DO LAGO ESTHWAITE, NUM ERMO DESOLADO DA MARGEM,
DOMINANDO UM BELO PANORAMA.

Não, Viajante, descansa! Este teixo
À parte está dos homens: e que tem
Que aqui regato algum se estenda à erva
E que a abelha aborreça estéreis galhos?
Porém, se a aragem for gentil, as ondas,
Que quebram contra a costa, hão-de embalar-te
Com um doce impulso a salvo do ócio.

Quem juntou

Estas pedras e com musgoso céspede
As untou, e ensinou ao velho lenho
A formar com os braços um recesso,
Desse hei-de recordar-me. — Dono de alma
Invulgar. Educado em ciência,
E guiado por natura a sítios ermos
De altas esperanças, ele ao mundo foi
Um Ser agraciado, sem desejos
Que o espírito execra; contra a mácula
De línguas dissolutas, ciúme e ódio,
E escárnio, — armado contra inimigos,
Contra tudo menos desdém. O mundo
Não lhe deu serventia; só razões
E indignação p'ra se afastar de súbito,
E a orgulho nutriu a sua alma

In solitude. — Stranger! these gloomy boughs
Had charms for him; and here he loved to sit,
His only visitants a straggling sheep,
The stone-chat, or the glancing sand-piper:
And on these barren rocks, with fern and heath,
And juniper and thistle, sprinkled o'er,
Fixing his downcast eye, he many an hour
A morbid pleasure nourished, tracing here
An emblem of his own unfruitful life:
And, lifting up his head, he then would gaze
On the more distant scene, — how lovely 'tis
Thou seest, — and he would gaze till it became
Far lovelier, and his heart could not sustain
The beauty, still more beautiful! Nor, that time,
When nature had subdued him to herself,
Would he forget those Beings to whose minds,
Warm from the labours of benevolence,
The world, and human life, appeared a scene
Of kindred loveliness: then he would sigh,
Inly disturbed, to think that others felt
What he must never feel: and so, lost Man!
On visionary views would fancy feed,
Till his eye streamed with tears. In this deep vale
He died, — this seat his only monument.

If Thou be one whose heart the holy forms
Of young imagination have kept pure,
Stranger! henceforth be warned; and know that pride,

Em solidão. — Estrangeiro! os ramos tristes
Chamavam-no; e aqui vinha sentar-se,
Suas visitas ovelhas perdidas,
O cartaxo, ou o oblíquo maçarico:
E nestas pedras estéreis, salpicadas
Com fetos, urze, cardos e juníperos,
Fixando o olhar baixo, ele, de horas mórbidas
Desfrutou, neste sítio desenhando
Um emblema prà sua vida estéril:
E, erguendo a cabeça, contemplaria
As paisagens remotas, — quão amáveis
Visões, — contemplaria até que fosse
Muito mais, e o seu peito transbordasse
De beleza, 'inda mais bela! Nem quando
À natureza ele já submisso,
Esqueceria os Seres a cujas mentes,
Cheias com obras de benevolência,
O mundo, a vida humana, aparentassem
Doçura igual: então suspiraria
No imo inquieto, pensar que outros sentiam
O que ele não devia: homem perdido!
Em visões nutriria a fantasia
Até vir-lhe água viva aos olhos. Foi-se.
Este vale enterrou-o, — eis o marco.

Se o teu coração as formas sagradas
Da imaginação jovem conservaram,
Estranho! sê avisado; pois o orgulho,

Howe'er disguised in its own majesty,
Is littleness; that he, who feels contempt
For any living thing, hath faculties
Which he has never used; that thought with him
Is in its infancy. The man whose eye
Is ever on himself doth look on one,
The least of Nature's works, one who might move
The wise man to that scorn which wisdom holds
Unlawful, ever. O be wiser, Thou!
Instructed that true knowledge leads to love;
True dignity abides with him alone
Who, in the silent hour of inward thought,
Can still suspect, and still revere himself
In lowliness of heart.

[1795]

Conquanto disfarçado no seu muito,
É pouco; que aquele que despreza
Qualquer ser vivo, possui faculdades
Que nunca experimentou; que o pensamento
Está na infância. O homem cujo olhar
Está sempre nele próprio olha a menor
Das obras naturais, quem levaria
O sábio ao escárnio que a sabedoria
Crê ilícita, sempre. Oh, sê tu Sábio!
Ciente que o saber leva ao amor;
A dignidade vera habita em quem,
Na silente hora da circunspeção,
Não deixa de se suspeitar, e honrar
Com coração humilde.